



DEUS É GREMISTA – E TAMBÉM CONGOLÊS

Passando pelo portão do Olímpico, à direita está localizada a capela do Grêmio. O templo da fé azul funciona em dia de jogo até o final da partida. **A guardiã é Elza Gonçalves de Oliveira, a Tia Elza, que está no clube desde 1971 e há cinco anos é a responsável pela capela.** O padroeiro da Igreja é São Paulo, o que gera piadas dos fiéis quando a partida é contra o homônimo clube paulista.

O ambiente dentro da capela, deserto e silencioso, é interrompido quando um torcedor vestido com a tradicional camisa tricolor entra e ajoelha-se na primeira fileira de bancos, baixando a cabeça diante do altar. Faltam menos de dez minutos para o começo do jogo. **É Daniel Mastalir, neto de Saturnino Vanzelotti, gremista histórico e um dos responsáveis pela construção do Olímpico.** Ele não está ali simplesmente para pedir proteção ao time comandado por Caio Júnior no clássico que está para começar. Sua missão é maior – na verdade, é uma dívida.

Em 14 de dezembro de 2010, Daniel foi ao Olímpico buscar uma camisa que o clube estava lhe dando de presente por ter comparecido a todos os jogos daquele ano, “inclusive em sábado de Carnaval”. Pois aquele não era um dia qualquer em Porto Alegre. Em poucos instantes, o Inter entraria em campo em Dubai para enfrentar o todo-poderoso Mazembe. “Não sabia para onde ir, onde assistir ao jogo, então resolvi me enfiar na capela”, revela Daniel. Ele permaneceu sacramente enfurnado durante o jogo inteiro, sendo alertado dos gols africanos pelos gritos provenientes de um bar próximo, tradicional reduto gremista. Quando percebeu que o jogo havia acabado, bem como o sonho colorado de ser bicampeão mundial, Daniel avançou para a porta, gritou “Caralho! Filho da puta!” e ainda teve tempo de pedir desculpa a Deus pela blasfêmia antes de sair para o dia abafado, subitamente refrescante para aquela devota alma gremista. A promessa, no entanto, ele havia já feito lá dentro: pelo resto da vida, visitaria a capela do Grêmio em dias de jogos, agradecendo pela desgraça alcançada pelo Inter.

DIVERSÃO PARA ALGUNS...

Às 19h30, Leandro Vuaden trila o apito e todos os nervos do Rio Grande do Sul se dedicam a sofrer no Gre-Nal. Mas alguns obstinados precisam dividir o foco entre o jogo e o ganha-pão. Quem frequenta os estádios de futebol de Porto Alegre conhece esta figura. Moreno, baixo e agitado, ele percorre com rapidez os estreitos espaços entre as cadeiras da arquibancada superior do estádio Olímpico, carregando, como uma mochila levada no peito, uma cafeteira que quase encobre sua visão. Régis Correa Gonçalves tem 37 anos e, nas suas contas, trabalha no ofício de vender café há 18 anos. Gremista, ele trabalha também em jogos no Beira-Rio. “No Olímpico, eu comemoro os gols, mas lá no Beira-Rio eu fico quieto”, diz.

Nem todos os bares do estádio Olímpico contam com uma televisão ligada no pay-per-view. Esse privilégio tem Marcelo Bittencourt, 42 anos, há dez trabalhando no caixa do bar localizado sob o setor de cadeiras. Mas a transmissão está parada, “já está indo para quatro minutos”, queixa-se. É gremista, mas a empresa para qual trabalha admite colorados no Olímpico. O primeiro gol do Inter, do argentino Dátolo, estreante no clássico, é marcado logo após o retorno da transmissão.

O ambiente no bar fica tenso, mas não pelo gol colorado. Duas mulheres, que trabalhavam durante o jogo em divulgações de empresas, começam a discutir fortemente em frente à carrocinha de pipoca. Pelo que se depreende, uma delas teria feito ofensas pesadas à outra. Um funcionário do Grêmio intervém e pergunta quem pode testemunhar sobre o ocorrido.

O tumulto se desfaz e cada funcionário volta às suas tarefas. Neste meio tempo, o Grêmio vira a partida, com gols do meia Marquinhos e do centroavante Marcelo Moreno. O som da vibração da torcida chega alguns segundos antes da imagem na televisão. Marcelo e parte de sua equipe comemoram discretamente e continuam trabalhando.